

COMPLEXO DE ENSINO SUPERIOR DE SANTA CATARINA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE FLORIANÓPOLIS - FCSF  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA  
CONVÊNIO CESUSC/ESMESC

ALUNO: LEILA ACOSTA PINTO  
E-MAIL DO ALUNO: leila\_pinho@hotmail.com

---

## A INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS COMO PRINCIPAL INSTRUMENTO PSICANALÍTICO NA CLÍNICA INFANTIL

*Leila Acosta Pinho \**

**Resumo:** Partindo da capacidade que a *psique* humana tem de resignificar conteúdos inconscientes por meio da representação gráfica de símbolos conhecidos universalmente, o presente artigo traz um estudo preliminar sobre a utilização de desenhos na clínica infantil. A idéia foi demonstrar na prática que o trabalho psicanalítico pode ser orientado com base na interpretação dos desenhos que pacientes, neste caso, crianças, fazem durante algumas sessões, a pedido do analista. Tanto em desenhos livres quanto em orientados, o inconsciente pôde vir à tona, dando pistas de seu funcionamento, suas defesas e seus conteúdos latentes e manifestos. Isto foi possível através da interpretação individual dos símbolos contidos nos grafismos-desenhos, como ilustra o caso relatado.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Desenho, Símbolos, Criança, Inconsciente

---

\* Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional da Campanha (URCAMP) Alegrete, Pós graduada em Psicopedagogia social pela faculdade Cenecista de Osório.

## 1. INTRODUÇÃO

O desenho é uma das formas de expressão e comunicação mais primitivas utilizadas pelo homem. Os primeiros registros pré-históricos de nossa existência não passam de garatujas milenares impressas em paredes de cavernas, desde que foram habitadas pelos ancestrais da humanidade. Sua importância é tanta que estes tesouros arqueológicos guardam segredos do passado de toda espécie humana. Através deles e de outros vestígios encontrados pode-se montar a história, rotina, hábitos e costumes dos primeiros *homo sapiens* habitantes da Terra.

De lá pra cá, a Psicanálise redescobriu o caráter informante do desenho. Seu conteúdo fornece pistas surpreendentes sobre o *modus vivendi* de seu autor, seja consciente ou inconsciente.

O presente artigo possui caráter bibliográfico e qualitativo e visa explorar o caráter (in)consciente do desenho e apresentar um caso clínico para ilustrar a importância da utilização deste instrumento na clínica infantil, pois evidencia-se que a utilização de desenhos torna-se fundamental para o psicanalista.

Para que este estudo preliminar ficasse melhor organizado, foi dividido em duas partes principais. A primeira delas traz a teoria, onde, à luz de grandes nomes da Psicanálise clássica e contemporânea procurei esclarecer a importância da interpretação dos símbolos produzidos pelo inconsciente. Tanto geral quanto particularmente, o significado destas imagens carrega conteúdos manifestos e latentes daquele que as produziu.

São estes significados que norteiam o trabalho analítico, permitindo que mensagens em forma de arquétipos permeiem as barreiras inconscientes. Assim, na segunda parte do trabalho, foi possível conhecer e interpretar as imagens que surgiram nos desenhos, confrontando-as com a realidade do paciente e permitindo sua ressignificação.

Foi escolhido um caso clínico para ilustrar a presença dos desenhos durante os atendimentos psicanalíticos. A coleta de material analisado se deu durante a realização do estágio clínico supervisionado, realizado no período entre

junho e dezembro de 2008, assim como o levantamento de hipóteses e a interpretação dos símbolos contidos nos desenhos. Os dados obtidos nas entrevistas com o paciente, seu relato histórico e cotidiano, serviram de instrumentos auxiliares da pesquisa, servindo para preencher lacunas encontradas nos desenhos.

## **2. INICIAÇÃO À INTERPRETAÇÃO DE SÍMBOLOS: conceitos gerais e significados particulares**

Aventurar-se pelo mundo dos desenhos, apesar de não ser uma tarefa fácil, torna-se recompensador na medida em que permite ao psicanalista conhecer e desvendar emoções, por vezes latentes ou incompreendidas de seus pacientes. Assim como os sonhos, os desenhos são como uma válvula de escape para o inconsciente. Uma vez burlada a vigilância do superego, até mesmo conteúdos recalçados surgem em imagens no papel.

Jung (2008) afirma que:

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que freqüentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens (p.19).

A atividade simbólica está presente desde o início da humanidade, quando o homem começou a questionar-se sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca. Desta forma, percebemos que símbolo e imagem estão interligados.

Para definir *imagem*, Laplanche e Pontalis (2008) explicam que sua origem está ligada à palavra latina *imago*:

Define-se muitas vezes a imago como “representação inconsciente”; mas deve-se ver nela, em vez de uma imagem, um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o sujeito visa o outro. A imago pode portanto objetivar-se tanto em sentimentos e comportamentos como em imagens (p. 234).

Ao longo dos séculos, a civilização foi fazendo uso dessas imagens e da interpretação de seus significados. Como afirma Derdyk,

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento (1989, p. 32).

Para uma mesma imagem, existe mais de um significado: um significado universal, que faz parte do inconsciente coletivo da humanidade e significados particulares, pertencentes a cada indivíduo capaz de produzir tais imagens. Neste segundo caso, o significado é determinado por influências culturais, que fazem parte da educação e do contexto social do ser criador das imagens.

Como nos explica Silva:

Há uma interação contínua entre as condições sociais, que estão em constante mudança, e a base biológica do homem. O acesso do sujeito ao mundo é mediado pelas ferramentas (instrumentos) e pelos sistemas simbólicos de que ele dispõe. Estes sistemas são criações humanas e, ao longo do desenvolvimento, funcionam inicialmente em nível interpsíquico, depois são internalizados e passam a ocorrer intrapsiquicamente (...) Os signos, como formas de representação, estão intrinsecamente ligados à cultura, e entre outros sistemas, incluem a linguagem e o desenho. Os signos participam do funcionamento psicológico do sujeito, alterando a própria estrutura das funções mentais (2002, p. 24 e 27).

Na psicanálise, a interpretação de desenhos na clínica infantil, foi registrada pela primeira vez ainda com Freud, no caso do menino Hans, de cinco anos. De lá pra cá, este instrumento tem se fortalecido cada vez mais no cotidiano dos consultórios.

Sophie Morgenstern destaca-se pelo seu pioneirismo na França. Além de ser a primeira psicanalista infantil no país, também foi a primeira a utilizar o técnica particular do desenho como uma das principais ferramentas na análise de crianças. De acordo com Greissmann (2002), esta psicanalista colocou na prática infantil o método freudiano.

De certa forma, poderíamos dizer que ao desenhar, a criança entra em contato com seu inconsciente, sem abrir mão da consciência, ao contrário do sonho, que exige um mergulho profundo no sono.

### **3. O DESENHO COMO LINGUAGEM (IN)CONSCIENTE**

O desenho permite um diálogo imediato com seu conteúdo latente. Ao ser questionado sobre as imagens que acaba de reproduzir, o desenhista, mesmo que seu discurso esteja impregnado de racionalização, nos informa sobre o significado de sua obra, as emoções e lembranças que estas lhe transmitem. Desta forma, norteia o trabalho psicanalítico do par.

Como é óbvio, nossa finalidade não deve ser encontrar problemas a qualquer preço, mas captar do modo mais exato possível as mensagens que a criança transmite-nos inconscientemente através de seus desenhos. (...) Os desenhos permitem-nos incrementar consideravelmente nossos dados sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades da criança. Assim, ajuda-nos a descobrir e a reconhecer as diferentes etapas pelas quais atravessa (BÉDARD, 1998, p. 57).

Em relação às técnicas de desenho, Campos (2002) considera o desenho como *um instrumento de diagnóstico psicológico da personalidade*. Sua obra contribui com vasta relação de itens a serem levados em consideração na análise de um desenho, como por exemplo: localização no papel, pressão no desenhar, caracterização do traço, simetria do desenho, detalhes no desenho, movimentos nos desenhos, tamanho da figura, uso da borracha etc.

Antes de aprender a escrever ou até mesmo falar corretamente, a criança já sabe desenhar. Todos sabemos desenhar. E é através dos desenhos que nos comunicamos com o mundo, expressamos sentimentos e emoções, latentes e manifestas.

Tanto a criança quanto seu desenho são produtos históricos, no sentido de que pertencem a uma certa cultura e por meio dela se desenvolvem. (...) Parte-se do pressuposto de que o desenho é constituído socialmente, que é estabelecido por condições histórico-culturais (...). A visão do desenho como produto não mostra a riqueza das interações necessárias à sua construção (...). É essencial que sejam analisados os momentos do encontro da criança com seus pares e com o adulto. (...) O desenho

pronto, acabado, embora importantíssimo, é apenas o registro deste encontro. Daí a importância e a necessidade de se analisar o processo, o desenho em produção (SILVA, 2002, p. 34 e 35).

O desenho, não sendo um fim em si mesmo, traz o que realmente nos interessa: os símbolos. Sobre eles, Furth deixou sua contribuição: “*por meio de tais desenhos aproximamo-nos do uso dos símbolos como agentes de cura*” (2006, p. 29).

#### **4. ANÁLISE DO CASO CLÍNICO COM O AUXÍLIO DOS DESENHOS INFANTIS**

Gostaria de elucidar com este artigo a importância fundamental dos desenhos na clínica psicanalítica infantil, visto que estes trazem a tona conteúdos inconscientes, como foi visto no item anterior. Esses conteúdos oferecem entendimentos de grande auxílio para o psicanalista que ao saber compreender esta linguagem, poderá entrar em contato com os reais motivos de conflito, angústia, possibilidades e também desejos e fantasias.

Novamente, Bédard nos estimula a pesquisar quando assegura que “*é maravilhoso dispor de um recurso tão valioso como é a interpretação dos desenhos. Através deles são-nos revelados os tesouros do inconsciente*” (1998, p. 87).

Neste capítulo, serão apresentados dados clínicos da paciente Elisa e seus desenhos como uma ilustração da proposta. A fim de análise, todos os desenhos realizados durante os atendimentos com a menina, que durou de julho à dezembro de 2008, foram realizados em folha tamanho A4, na posição vertical, tendo à sua disposição lápis preto nº 2 com ponta fina, uma borracha macia e uma caixa de lápis de cor com 12 cores.

##### **4.1. Fragmentos da entrevista de anamnese**

A *anemnese* é o procedimento inicial realizado no decorrer das primeiras sessões analíticas que tem por objetivo, conhecer a história de vida do paciente. No caso de crianças, este procedimento é realizado com um ou mais adultos responsáveis pelo infante, seja o pai, a mãe, algum dos avós, tios, irmãos mais velhos, ou até mesmo uma professora.

O motivo da consulta de Elisa, uma menina de 9 anos, foi a indicação da professora, com o argumento de que essa, freqüentemente, envolvia-se em brigas e intrigas na escola. Seu rendimento era mediano e tinha dificuldades em relacionar-se com os colegas.

A primeira sessão foi realizada pela mãe adotiva, Sra. Silvia (prima da mãe biológica), a qual colaborou prontamente. Elisa tem um histórico marcado por situações de abandono e instabilidade emocional. Em resumo, tem os pais biológicos alcoólatras, que se conheceram no hospital, em uma das internações da mãe para desintoxicar-se. Ele tinha mais ou menos 30 anos e ela 37. A mãe biológica vivia na rua, pois em casa era maltratada e agredida pela mãe e pelos irmãos, teve 6 filhos de pais diferentes. Trabalhava fazendo faxina em casas de família e deixava os filhos com a mãe. Estes também eram agredidos pela avó e tios, que moravam junto ou na casa ao lado. Os pais de Elisa costumavam brigar muito. O relacionamento não chegou a durar um ano. Casaram-se e, no dia do casamento, se desentenderam e ela abandonou o marido.

No dia em que Elisa nasceu, sua mãe, estava alcoolizada. Desmaiou e atiraram água nela para acordar. O pai casou-se novamente e tem outro filho. Segundo Silvia, ainda bebe muito, e não sabe da existência da filha e nem ela dele. A mãe teve uma cirrose diagnosticada 4 meses antes da parada cardíaca que a matou aos 40 anos. Nunca parou de beber, nem cuidou da própria saúde. Morreu dormindo ao lado de um dos filhos (com 8 anos, na época). Elisa tinha mais ou menos 1 ano e meio quando a mãe biológica faleceu e, com 2 anos e 3 meses foi levada para a família adotiva (mãe com 50 anos e pai com 43), já que a avó abriu mão dela. Não viu a mãe no caixão. Quando soube que ela estava no cemitério, não quis mais ir lá. Não tem irmãos adotivos.

O processo de adoção está em andamento há 7 anos. No mesmo ano, voltou à casa da avó materna para visitar. Permaneceu indiferente. Porém, quando voltou pra casa, dormiu e, quando acordou, chorou muito. O pai colocou uma música e dançou com ela até que parasse de chorar. Não gosta de ver gente bebendo. Numa consulta ao pediatra, ele disse: “Depois ela esquece”, em relação ao que lhe acontecera até então. Receitado pelo médico, tomou *Trofanil* por um tempo que Silvia não sabe dizer ao certo. Até seus 4 anos dizia: “Mama bebia

cachaça e vomitava e caia no chão”, depois: “Eu não queria ter saído daquela barriga que bebe e fuma”. Não gosta da avó biológica e não sabe que o pai adotivo não é seu pai. Aos 3 anos, quando o via sem camisa, abraçava-o e beijava-o. Uma vez, até escondeu-se atrás de uma cortina para vê-lo nu no banheiro. “Acho que deve ter visto *algo* com a mãe dela” disse Silvia. Elisa e o pai adotivo brigam muito. Às vezes, ela o manda ir embora, mas chorou quando ele viajou. Ocasionalmente, pede beijo na boca, “selinho”, para o casal. Silvia contou que Elisa faz as bonecas namorarem, ficarem “coladinhas”. Quer brincar de namorar com as amigas, querem ver “os órgãos”. “Eu não deixo, mando parar! - Tenha modos! Como uma prenda e uma moça da igreja vai fazer isso?” Ao que ela responde: “- Não quero ser da igreja!”. Geralmente, não gosta que perguntem sobre a mãe biológica.

Em março deste ano (2008), o irmão de Elisa, então com 15 anos (o mesmo que dormia com a mãe quando ela faleceu) matou o tio, que o agredia desde a infância, com um tiro, durante uma briga. Desde então, afirma Silvia, “ela se *apaixonou* pelo tio”(morto) e tem muito medo do irmão, que está preso. Às vezes, ela diz: “Tomara que façam picadinho dele!”. Silvia diz que Elisa, no seu cotidiano, demonstra ser nervosa, ansiosa e chorona, não gosta de ficar no escuro, quer aparecer, tem medo de perder e de se atrasar, quer ser a primeira na fila e nas notas. Também é ciumenta em relação à mãe adotiva.

Frente a isso, eu e Elisa demos início ao nosso trabalho. Frequentou a terapia psicanalítica durante 6 meses, enquanto cursava a 4ª série do Ensino Fundamental. Durante esse período, demonstrou compromisso e seriedade em seu tratamento. Foi pontual em praticamente todos os encontros, faltando em apenas 2 de um total de 21 sessões.

#### **4.2. Primeira sessão com Elisa**

Nosso primeiro encontro foi agradável, marcado por muita ansiedade de ambas as partes. Era a primeira vez que eu atenderia uma menina e era a primeira vez que ela faria análise. Para *quebrarmos o gelo*, convidei-a a me fazer um desenho espontâneo, o que aceitou imediatamente.

Considerando as palavras de Ferro, que relaciona o conteúdo do desenho com o funcionamento do par analítico naquele momento, temos:

(...) assim concebido, o desenho faz referência às modalidades atuais e efetivas do funcionamento mental do par, da situação bipessoal em jogo, das forças emocionais do campo pertencentes a ambos os membros do par; não mais como fantasias da transferência, mas como verdadeiro fotograma onírico do funcionamento mental do par naquele momento, mesmo se de um vértice particular e frequentemente desconhecido para nós, que devemos compartilhar e assumir para alcançar o paciente onde ele está. Esta modalidade permite não só reconhecer no desenho a presentificação dos movimentos emocionais do par, mas, derruba a ilusão de poder encontrar imediatamente o ponto de emergência da angústia, consente poder construir todos os desenvolvimentos narrativos possíveis junto com o paciente (FERRO, 1995, pg. 46 e 47).

O resultado foi interessante. Surgiu um desenho (Fig. 01) rico em detalhes, muito colorido, que preencheu toda a folha. Os símbolos presentes são: a casa, bem destacada, no centro-esquerdo da folha, com 3 portas fechadas e 3 janelas, inclusive no telhado ou pavimento superior; uma árvore à direita, com transparência e carregada com 21 frutos vermelhos, todos na mesma direção; 3 nuvens e sol, com 6 raios; 3 flores à esquerda e 1 à direita, ao lado da árvore; uma figura humana feminina bem pequena, como uma “menina”, à esquerda da casa; presos ao telhado da casa estão 4 balões, 2 no lado esquerdo (em forma de coração e de estrela, com 6 pontas), e 2 no lado direito (com as mesmas formas); da chaminé da casa, bem no alto, sai uma fumaça negra. E o mais interessante: *fantasmas*. Atrás do primeiro balão em forma de estrela, há um coração apagado; ao lado do desenho da pessoa, outra figura feminina, um pouco maior e de mãos dadas com a “menina”, e com uma das flores encobrindo seu ventre. Uma linha reta e precisa demarca o chão a 1 cm da borda da folha. O telhado é marcado por um triângulo negro, com o vértice para cima. Outros triângulos formam as estrelas e 1 na ponta da chaminé. O círculo aparece na copa da árvore, nos frutos, no miolo das flores e no sol e, em semicírculo nas maçanetas, nas nuvens, na fumaça, no tronco da árvore e no caule e pétalas das flores. O quadrado se faz presente na casa e suas divisões, bem como nas janelas e sempre em trio. Semelhante ao quadrado, o retângulo surge nas portas e na chaminé. O traço é firme e forte, único na maioria das vezes, duplo apenas nos cabos que ligam os balões ao telhado e no tronco da árvore.

As cores utilizadas foram várias.

O amarelo, além de aparecer no sol, está numa das paredes, sustentando suavemente o triângulo negro. Aparece também no miolo da flor maior no canto inferior esquerdo da folha. A mesma cor contorna o corpo da “menina”.



Fig. 01

O azul está nas nuvens, em uma das portas da casa e nas pétalas da flor.

Os objetos vermelhos, curiosamente, estão sempre à esquerda de outros, nas cores rosa ou laranja. Isto acontece duas vezes à esquerda do desenho: com o balão-estrela vermelho e o balão-coração laranja; com as pequenas flores, unidas pelo mesmo talo (esquerda vermelha/direita rosa); na casa aparece nas duas janelas do térreo (esquerda vermelha/direita laranja); a árvore, com seus frutos vermelhos está à esquerda da flor rosa.

O rosa aparece novamente nas outras duas portas, uma sobre a outra.

O laranja está presente também na janela do segundo andar, no balão-coração da direita, numa das paredes da casa e na chaminé.

O verde está nas pétalas de uma flor, na parede do pavimento superior e no segundo balão-estrela, à direita do telhado da casa. Aparece na copa circular da árvore e na folhinha da flor do canto inferior direito do desenho.

O negro e o cinza surgem muito próximos um do outro, estando no telhado e na fumaça da chaminé, respectivamente.

A análise responde a um enfoque técnico e racional e se fundamenta em bases solidamente comprovadas. É o mesmo delineamento que encontramos em psicologia e em psiquiatria. (...) A interpretação dos desenhos das crianças é o resultado ou a síntese da análise. Tanto a análise como a interpretação tem muitos pontos em comum com a grafologia, tais como a informação transmitida pela orientação espacial do diálogo, pelas suas dimensões, pela pressão do lápis, etc. (BÉDARD, 1998, p. 5).

Feita a análise, inicio a interpretação do desenho pela casa (Fig. 02). Esta significa o estado sócio-emocional da criança, demonstrando-nos seu grau de abertura ou introspecção. Por ser uma casa grande, indica que “E” estava mais emotiva que racional naquele momento. Assim como as 3 portas, todas à direita, igualmente grandes em relação à figura humana do desenho, indica sua receptividade às coisas e pessoas que chegam. Arrisco dizer que já era seu desejo de boas vindas à todas as mudanças que a Psicanálise, ali representada por mim, traria ao seu mundo. Isto é reforçado pelas maçanetas das portas serem desenhadas à direita, encanta-se pelo futuro, deseja a mudança. As cores que “embasam” a construção confirmam isso. O laranja e o amarelo despertam curiosidades e a sede por novos conhecimentos, inclusive novos contatos sociais. São vibrantes, extrovertidas e alegres, mas também impacientes e com pouca concentração. Sua fala e gestos são rápidos e firmes como o traçado do desenho. O verde traz a maturidade da Natureza, sabe o que quer e aonde quer chegar. Aprende rápido, é sensível e intuitiva. Os 3 quadrados da casa se unem às 3 cores para afirmar que seu caráter é forte, competitivo e determinado, e seu corpo é dinâmico. Por se encontrar do centro para a esquerda, demonstra certo apego a fatos passados, mas seguramente está pronta a reelaborá-los. Seus traços contínuos e harmônicos dizem que sabe esperar e respeita o ritmo dos acontecimentos e o seu próprio. O triângulo negro do telhado indica o que está por vir e por saber, o que ainda é desconhecido e seu vértice voltado para cima reclama

esta sabedoria criativa. Revela a importância do que ainda é inconsciente, o não revelado e não dito. Por sua posição no papel está no passado, mas ocupa seus pensamentos no momento atual. Deseja saber o que ainda não sabe.

Nas concepções de Bédard (1998, p. 73), *“Todo desenho com tema repetitivo indica uma certa vulnerabilidade e, inclusive, em alguns momentos, pode representar um pouco de angústia”*.

Mais adiante será possível constatar a recorrência deste tema (a casa) em quase todos os desenhos de Elisa. E não somente o tema se repete, mas também o gráfico é o mesmo.



Fig. 02

A chaminé e sua fumaça cinza exigem um pouco mais de atenção. A fumaça nos fala do tipo de emoção que está no ar, no ambiente familiar da criança

e, sua cor *oscila entre o conhecido e o desconhecido. Está passando por um período de transição, tem um pé no passado e outro no futuro* (BÉDARD, 1998, p. 35). Neste caso há uma nuvem densa e escura e isto demonstra que o fogo em seu interior está bem forte e quente. Hipoteticamente falando, pode indicar conflitos que “E” não conseguia lidar e resolver de maneira satisfatória. Apesar da casa estar em ordem por fora, em seu interior, algo “queima, arde”, sem explicações muito claras a respeito. A chaminé também contém sexualidade, por ser um símbolo fálico, ereto e jorra algo de seu interior. As janelas pequenas indicam cautela para avançar nas questões íntimas. Não quer ser “invadida” por olhares indiscretos. Pede prudência, resguarda-se, pois suas portas estão fechadas. Tem vontade de conhecer, mas não está certa de que quer ser conhecida.

O segundo símbolo a ser interpretado é a figura humana (Fig. 03) que aparece à esquerda da casa. É do tipo “palito”, o que pode indicar baixa auto-estima, querendo desviar nossa atenção para outros elementos “mais importantes” e elaborados do desenho. Foi “pintada” de amarelo, na tentativa de “enfraquecer” seu traçado. No rosto há dois pontos representando os olhos abertos e um semi-círculo, que é a boca se abrindo num sorriso tímido. A expressão é de espera e expectativa. O cabelo é liso e comprido até o pescoço. Os braços abertos pedem atenção num “olhe pra mim, me ouça!”. A ausência das mãos pode indicar sensação de incapacidade diante da situação na qual vive, por opção própria ou falta de oportunidade de fazê-lo. Seus pés também não aparecem, o que pode ser imobilidade momentânea ou busca por estabilidade.



Fig 03

O intrigante aqui é o que foi apagado. À esquerda dessa menina, há outra, um pouco maior. Estariam de mãos dadas? Uma mãe que lhe foi tirada? “Apagada” de sua vida? O lado esquerdo tanto diz respeito ao passado quanto ao feminino, à relação com a mãe. Neste caso, tudo se encaixa. Encobrendo seu ventre e seus genitais, uma flor rosa. Sendo que o rosa contém o vermelho e o branco, este último neutraliza a agressividade do primeiro. Estas duas cores se fundem e dão à luz ao rosa, o fruto do seu ventre. A flor é um símbolo feminino, delicada e frágil. Carece ser cuidada, alimentada e amada para que não seque e morra. A flor é “E”.

Já que falamos em flores, estes símbolos representam o amor. No caso anteriormente citado, junto à menina e à imagem da mãe, há uma flor vermelha (esq. Fig. 04) e outra rosa (dir. Fig. 04). Ambas nascem do mesmo pé, ambas têm a mesma “origem”. No outro lado do desenho, abaixo da árvore, há uma flor solitária (Fig. 05), “solta no ar”. Embora de beleza efêmera, geralmente as flores aparecem no desenho como uma tentativa de chamar a atenção de quem o contempla, de agradar, como um presente.



Fig. 04



Fig. 05

O sol traz energia masculina, mas não necessariamente ligada ao pai. Revela o grau de independência e autonomia. Está ligeiramente à esquerda do

desenho, leva ao passado, ao feminino, ao vínculo materno. Seus raios são escassos (6, como os filhos de sua mãe) e curtos, indicando perda de entusiasmo. Talvez após a morte da mãe biológica, lhe faltem referenciais. Por estar no alto, ocupa lugar em seus pensamentos, quer saber mais sobre ela - a mãe que se foi, quem era ela? A mãe que ela conhece hoje, talvez deseje uma maior aproximação. Que seu passado deixe de ser distante e inatingível como o sol o é.

Assim como as flores, o coração (Fig. 06 e 07) representa universalmente a emoção, o sentimento de amor. Normalmente, são agradáveis de se ver. Na cor laranja, como se encontram aqui, contém a força do vermelho e a alegria de viver do amarelo. Expressa necessidade de convívio social. Por outro lado, pode sentir-se ligada a regras que a angustiam (apertam o peito), já que está presa, como as estrelas.

Ao observarmos as estrelas (Fig. 06 e 07), aqui como se fossem balões, chama-nos a atenção a necessidade de conter, segurar, dominar estes astros impressionantes. Estão amarrados, presos ao telhado da casa, impedidos de seguir sua rota natural, o infinito. Na primeira estrela, à esquerda, ligada, como já mencionado, à mãe e ao passado, a cor eleita foi o vermelho. Esta traz lembranças muito primitivas, já que é a primeira cor que distinguimos dentre um universo multicolor. Representa o sangue (laços consangüíneos), a vida e o ardor. Das 6 pontas da estrela (6 filhos), a menor (a caçula “E”) está sem cor, branco/transparente – segundo Bédard (1998, p. 36), *pode eliminar totalmente os elementos passados. É como começar de novo, querendo apagar ou negar tudo o que aconteceu ontem. (...) está relacionado com o infinito, o não-temporal*) e, é justamente a que mantém o elo entre o astro e a casa, entre o imaginário e o real, entre o céu e a terra, entre a vida (vermelho) e a morte (preto, aqui representando o luto). Atrás da estrela havia um coração que foi “apagado”, como o amor que deu lugar a outro símbolo muito mais extraordinário e com brilho próprio. A segunda estrela, à direita, é verde e menor do que a outra. Pode significar uma imagem otimista do próprio futuro: “querer brilhar como uma estrela”. Igualmente a anterior, possui 6 pontas e a de baixo está sem cor e ligada à casa, ao quadrado – solidão, rigidez.



Fig. 06

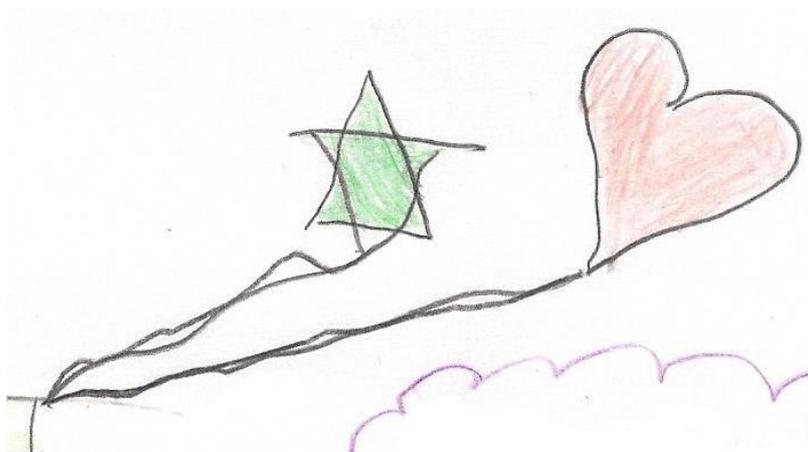


Fig. 07

Nuvens azuis indicam que “E” sabe que existem obstáculos, porém o tempo é bom e favorável. É madura e consciente de que nem sempre o sol brilhará, bem como dias nublados e chuvosos não serão eternos, porém necessários para que tudo siga normalmente. Sabe a diferença entre nuvens passageiras e aquelas que trazem destruição.

Para finalizar, a árvore (Fig. 08). Diz respeito ao aspecto emotivo, físico e intelectual da criança. É a própria criança. Seu tronco é forte e grosso, podendo sustentar facilmente sua frondosa copa com folhas verdes e numerosos frutos. É

capaz de se afirmar para si e frente aos outros. Dificilmente adocece. Sua saúde pouco se abala diante das circunstâncias. Sua imaginação e criatividade são extremamente frutíferas.

É impossível deixar de perceber a semelhança entre o círculo verde e a forma uterina, bem como entre seus frutos e espermatozóides. Aqui, novamente o vermelho e o verde, cores que se completam e geram vida. Como um útero fértil, logo após o coito. Sua posição confirma o que já foi dito sobre sua sede de saber, na afirmação de Bédard (1998, p. 81) que diz que *a árvore à direita revela que esta criança tem necessidade de respostas a suas perguntas. São perguntas que, todavia, não formulou, mas que, sem dúvida, formulará em breve.* Porém, a árvore não toca o chão. Tampouco está enraizada.

Construiu sua estrutura sem ter certeza de que poderia nutri-la ou segurá-la. Sem raízes, não há de onde tirar o alimento e a água, vitais para seu desenvolvimento. Sem raízes, a árvore está condenada. Pode ser arrancada do chão a qualquer momento. E este foi meu desafio: ajudá-la a enraizar-se, sustentá-la, nutrir-se. Partindo de uma base sólida, de um amor incondicional e da aceitação plena do indivíduo completo é que construímos nossa aliança de trabalho, renovada a cada reencontro, a cada dúvida e a cada insegurança que emergiam de nosso inconsciente, no *setting* analítico.

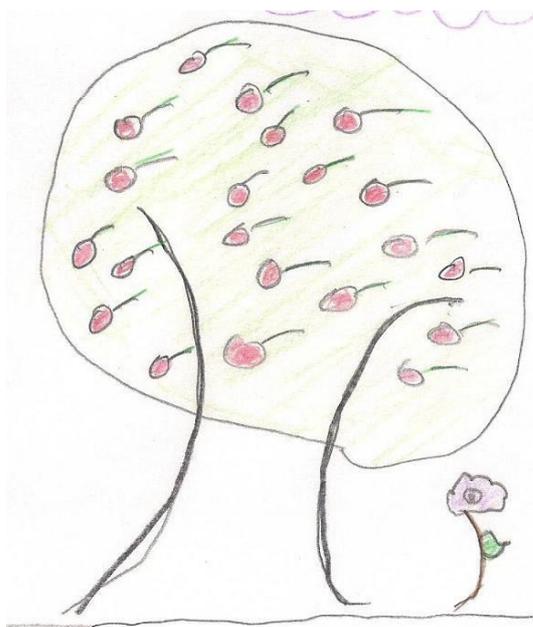


Fig. 08

#### 4.1.2 Sessão do dia 03 de dezembro

A seguir, os dois últimos desenhos de Elisa para mim.



Fig. 09

Feito em um de nossos últimos encontros, já em dezembro. Chegou 10 minutos atrasada. Nosso vínculo já estava bem forte e tínhamos bastante intimidade. Digo que falta pouco tempo para o final do ano, deixando implícito o final do tratamento, no estágio.

Sugeri que Elisa me deixasse mais um desenho como lembrança. Peço que faça “uma pessoa”.

- Acho que já sei como vou desenhar a pessoa! - fazendo rápido o que lhe pedi. – Adivinha quem é? É tu! Eu te olhei e copiei.

É a figura de uma menina. Acredito que, mesmo sem ter consciência, atendeu ao que solicitei: uma pessoa, uma menina, ela mesma, identificando-se por algum momento comigo.

O que mais chama a atenção aqui é a “figura humana”, já não mais como *palitinhos*. E está posicionada de frente. Segundo Campos, (2007), *quando a figura*

*é do próprio sexo do propósito, significa aceitação de seu próprio sexo. Resolução da fase edípiana. Aceita o mundo de frente. Figura de pé – significa força, energia, adaptação (pg. 82).*

O desenho da cabeça, grande em relação ao corpo, remete a ambição por algo maior, fantasioso. Isto se repete nos olhos, aqui representados por 2 pontos, que pode representar imaturidade ao enfrentar a vida, a realidade e então, regride afetivamente. A mesma imaturidade psíquica é vista nos ombros retos. A introversão surge na boca, tensa, reta. O pescoço, que aparece fino e comprido, pode ser um mecanismo de compensação, numa pessoa de controle rígido.

Conflitos sexuais, sentimento de culpa relacionado à masturbação, surgem em vários pontos: omissão do desenho do nariz, braços afastados da área genital, mãos diminuídas, traço marcando a cintura.

Logo em seguida, peço que ela pense no futuro, sem limite no tempo e no espaço. Poderia ser amanhã ou quando ficasse adulta, por exemplo. E, então, Elisa recusa-se a me atender, dizendo que prefere fazer outra coisa.

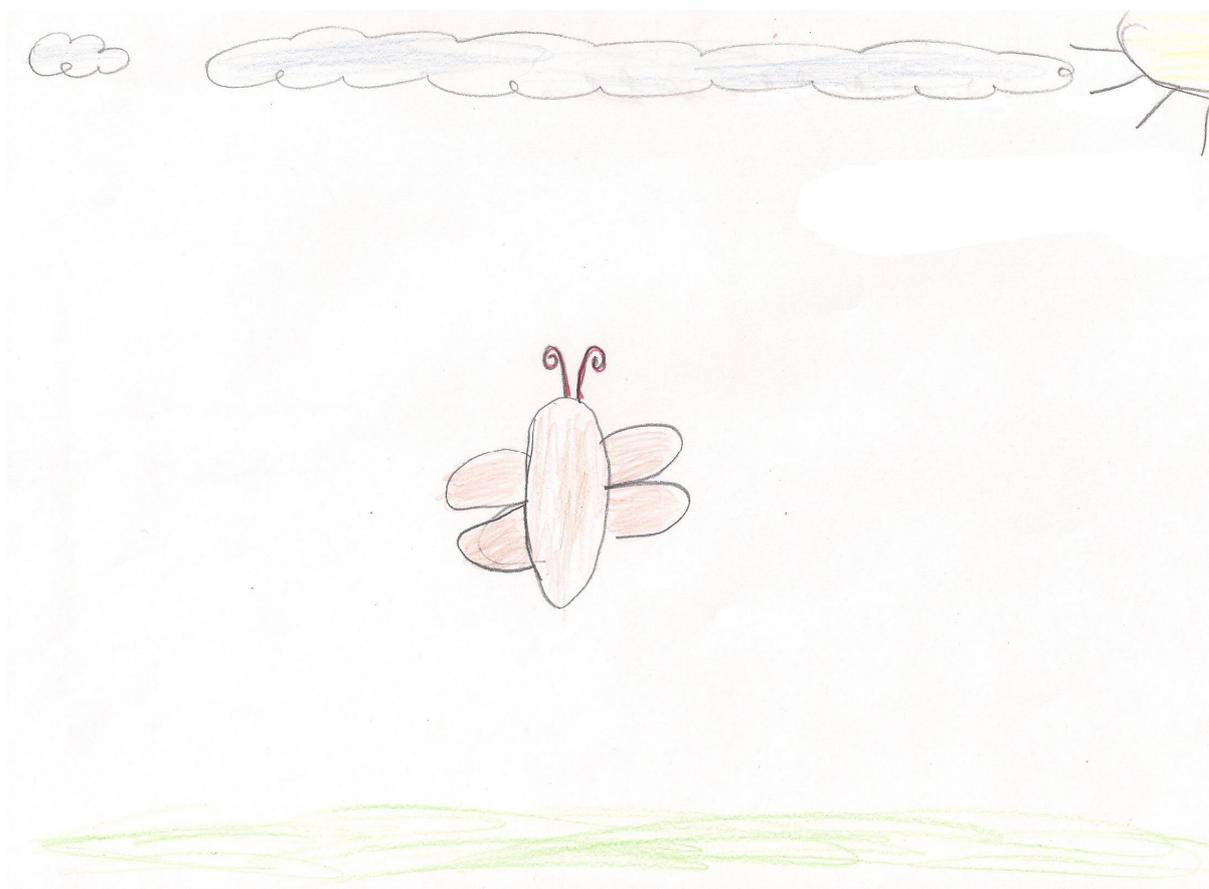


Fig. 10

Surpreendentemente, Elisa repete o desenho, porém, no lugar da menina, faz o desenho de uma borboleta gigante. Este animal, por sofrer uma metamorfose em seu ciclo vital, é considerado como um dos símbolos universais da transformação. Mesmo recusando-se em desenhar o que pedi, torna a aceitar inconscientemente minha sugestão.

Que imagem de futuro seria essa? Estaria a própria Elisa reconhecendo em si a capacidade de mudança? A que distância esse futuro se encontra? Acredito que a terapia psicanalítica tenha surtido grande efeito sobre a vida dessa menina.

## 5. CONCLUSÃO

Ao final do período de estágio, em dezembro de 2008, pude re-analisar o caso, e observei a evolução gradativa dos desenhos. Conforme pude constatar, a cada nova constituição de imagens, a cada novo encontro, uma nova maneira de comunicar-se. A paciente Elisa, em seu último desenho, demonstra o começo de uma nova maneira de enxergar-se, perceber-se.

Mesmo com tantos conflitos, claramente ainda por resolver, penso que os sete meses de tratamento foram o início do auto conhecimento para a paciente. E, de acordo com a afirmação de Erich Fromm, o amor vem através da aceitação, e a aceitação, vem através do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **A Criança e seus Jogos**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os Desenhos das Crianças**. São Paulo: Isis, 1998.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade**. 39ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FURTH, Gregg M. **O Mundo Secreto dos Desenhos**. 2ª ed. São Paulo, Paulus, 2006.

GEISSMANN, Claudine y Pierre. **História del psicoanálisis infantil**. Trad. Isabel Moreno Correa. Madrid, España, Síntesis, 2002.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise**. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **A Constituição Social do Desenho da Criança**. Campinas, Mercado das Letras, 2002.